



## REFLEXÕES SOBRE CORPO FEMININO E BELEZA A PARTIR DE LEITURAS FEMINISTAS

FERREIRA, Sílvia Lúcia

*Professora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo*  
[silviaf100@gmail.com](mailto:silviaf100@gmail.com)

CARNEIRO, Anni de Novais

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo*  
Universidade Federal da Bahia  
[anni\\_carneiro@hotmail.com](mailto:anni_carneiro@hotmail.com)

109

### RESUMO

Para o feminismo desconsidera-se a ideia de corpos naturais, fala-se em corpos gendrados, levando-se em consideração que os corpos são também produtos da história, “objeto” e produtores de representações e práticas sociais diversas e historicamente situadas. No momento atual no qual as mulheres dedicam mais tempo com tratamento e disciplina dos corpos, o presente texto aponta algumas reflexões feministas sobre o tema, considerando-se posições críticas que evidenciam a influência dos discursos hegemônicos sexista, racista e capitalista na manutenção das desigualdades e na construção de padrões de beleza que ainda oprimem as mulheres. Traz alguns elementos para se pensar sobre a estética racializada ou o racismo estético.

**Palavras-Chave:** Corpo, beleza, feminismos.

### ABSTRACT

For feminism disregard the idea of natural bodies , there is talk of gendered bodies , taking into consideration that the bodies are also products of history, "object" and producers of representations and various social practices and historically situated . At the moment in which women spend more time with treatment and discipline of bodies , this paper finds some feminist reflections on the theme , considering critical positions that show the influence of hegemonic discourses sexist, racist and capitalist in maintaining inequality and in building standards of beauty that still oppress women . Brings some elements to think about racialized aesthetic or aesthetic racism.

**Key-words:** body, beauty, feminisms.



## Introdução

As diferentes vertentes do Movimento Feminista dedicaram-se historicamente às reflexões sobre o corpo tendo em vista que ele não silencia, revela o que se passa com o sujeito, expressa a história individual e coletiva e expõe as subjetividades. Textos produzidos entre as décadas de 60 e 70, enfatizaram a necessidade de politização do privado, além de visibilizar o corpo da mulher e sua relação com a sexualidade e contra a submissão (SCAVONE, 2009). Parte destes estudos foram influenciados por Foucault (1982) que apontava a natureza política da medicina na sociedade capitalista como tática de controle social a partir no controle do corpo. Para este autor o controle da sexualidade e da reprodução da mulher objetivaria para além do controle populacional, conservar a divisão social e sexual do trabalho e as relações sociais, de forma a manter corpos dóceis e sexualidades socialmente úteis.

Do mesmo modo, Simone de Beauvoir com o *Segundo Sexo*, (1980) reforça as ideias feministas que os homens foram os sujeitos da história tradicional, enquanto as mulheres foram as outras, e por isso o maior exercício de poder e de subjugação deu-se sob os corpos das mulheres. A autora apresenta de modo muito detalhado tabus, normas e costumes que modelavam os corpos das mulheres e homens, o que é observado de maneira evidente na contemporaneidade, a influência das instituições, como família, por exemplo, e a relevância da cultura que se materializa nos corpos.

Nessa mesma direção, Del Priore (1993) a partir de estudos da medicalização do corpo feminino, aponta este fato como um importante dispositivo de controle social que envolve tanto questões políticas como os cuidados individuais. Do mesmo modo a autora discute a normatização do corpo a partir da regulação social da reprodução humana.

Considerado como objeto de poder e alvo de dispositivos disciplinares, o corpo também é lócus de microrresistências e de criação do novo. Desde a Idade Média, a mulher tornou-se alvo de repressão, sendo julgada como subordinada ao homem, e seu papel passou a se resumir ao cuidado com a família e a casa, tanto que sua inserção na sociedade ocorria apenas, em dois momentos: o casamento e a maternidade (DEL PRIORE, 1993).

Segundo Guacira Lopes Louro (2004), as significações atribuídas aos corpos ocorrem de maneira arbitrária, baseada em comparações, relações, e envolve disputas, já que se dão em meio a redes de poder. Essas significações, geradoras de divisões, são referidas em todos os



agrupamentos humanos conhecidos até então, e se organizam a partir do que acreditam ser originário, natural, e isso geralmente está relacionado aos corpos.

Desde 1935, Margareth Mead apresenta em *Sexo e Temperamento* a ideia de que homens e mulheres decorrem de construções culturais em vez de serem meramente naturais, biológicas, há uma variabilidade de definições sobre masculinidade e feminilidade nas diversas sociedades. Rubin (2012, p. 17,) marca que a “variação é uma propriedade fundamental de toda a vida, dos organismos biológicos mais simples até as formações sociais complexas dos humanos”. A diferença é negada na sexualidade, práticas, afetos, assim como na estética, e no olhar lançado sobre os corpos. Estar fora da norma, quer seja no âmbito das sexualidades e práticas sexuais, ou ao ideal de beleza, que inclui práticas específicas, pode ser uma experiência de sofrimento, tendo em vista a pressão sofrida para o enquadramento por meio de diversos discursos.

No ocidente, a ideia de feminilidade, aproxima-se a ideia de *super mulher*, aquela que continua dando conta do espaço doméstico, da prole, cuidados com o marido, tem uma vida sexual ativa, cuida dos outros e de si, sobretudo de seu corpo e sua saúde, buscando atingir o ideal de beleza, exercitando-se, fazendo algum tipo de dieta, usando cosméticos, realizando os mais diversos tratamentos estéticos, trabalhando e estudando.

Para Rodrigues (1999 apud MALUF, 2002) o dilema acerca dos corpos na modernidade estaria entre o apagamento do corpo e a centralidade destes, que se refere principalmente as camadas sociais menos atingidas pelas ideologias hegemônicas. Para essas camadas predominou, ao longo da história moderna, uma dimensão corporificada da experiência. Na contemporaneidade, estudos enfocam, em sua maioria, a centralidade da experiência corporal, o corpo como valor e núcleo de enredos sociais, atribuindo-lhes um tipo específico de agência. (MALUF, 2002).

Para o Feminismo, nas suas diferentes vertentes, desconsidera-se a ideia de corpos naturais, para se falar em corpos gendrados, levando-se em consideração que os corpos são também produtos da história, “objeto” e produtores de representações e práticas sociais diversas e historicamente situadas. Até mesmo um corpo desnudado, sem adereços ou inscrições culturais específicas, não é um corpo natural, já que traz consigo uma série de marcadores lidos – ou significados – embasados em uma cultura que admite concepções históricas. O corpo será sempre visto e entendido por uma leitura culturalmente específica, de acordo com seus valores e demarcadores (SARDENBERG, 2002).



Dessa forma, o corpo pode ser pensado como lugar privilegiado de inscrição da cultura, já que em todas as sociedades existem formas específicas de adorná-lo ou marcá-lo, desde roupas e adornos próprios até mutilações ou deformações, os quais possuem significados relevantes em determinada cultura.

Sociedades distintas fazem uso de diferentes modos de disciplinar os corpos, apoiados em normas e hábitos da vida cultural, e assim educam, manipulam e controlam, aproximando dos padrões vigentes: onde e quando comer, o paladar, o senso estético, resposta a estímulos sexuais, entre outros aspectos (BORDO, 1997). A disciplina dos corpos dar-se-á de acordo com algumas categorias como a classe social, raça/etnia, sexo e ocupação, por exemplo (BOLTANSKI, 2004).

### **A sociedade de consumo e o culto à beleza corporal**

Os corpos desejados na atualidade são principalmente aqueles que ocupam pouco espaço; são magros, depilados, cuidados por esteticistas, sem marcas ou rugas, além de serem brancos. O envelhecimento e a gordura são geralmente considerados os maiores inimigos na busca pelo corpo belo.

Além de ser marcado involuntariamente pela cultura, o corpo é também modelado de acordo com procedimentos voluntários ou de autoprodução, constituindo a corporificação da subjetividade que incluem determinada forma de vestir-se, calçar, andar, falar, eliminar ou não os pelos do corpo, pintar as unhas ou os cabelos, dentre outras inúmeras possíveis inscrições. Para ser homem ou ser mulher, segundo os padrões da sociedade que se vive, são necessários rituais, muitas vezes diários, para legitimar a identidade de gênero, determinado pelos modelos estéticos vigentes que variam de acordo com a temporalidade e espacialidade.

Estudo realizado por Brownmiller (1985 apud SARDENBERG, 2002) para verificar quais procedimentos e técnicas as mulheres norte-americanas fazem uso no processo de se tornarem mulheres, constatou que os resultados se aproximam de outros lugares nas sociedades ocidentais, como o Brasil. A autora descreve o treinamento disciplinar vivido pelas meninas, o qual consiste no modo de andar, sentar, correr, falar, algo que se dá durante a socialização, e é resultado de um disciplinamento de gênero.



Existem também práticas referentes à produção da feminilidade, como: adornar e cuidar do corpo, pintar as unhas, remover pelos de áreas como perna, axila, buço, sobrancelhas e virilha; pentear, pintar, cortar e alisar os cabelos; maquiar-se. Há uma construção nas sociedades ocidentais que forja o papel das mulheres como sendo naturalmente ligado à beleza e estética, além de serem consumidoras natas de objetos de desejo do outro, e por isso, são demandados maiores investimentos por parte delas na busca para alcançar os padrões estéticos.

Segundo Sibilía (2010), na contemporaneidade os corpos se tornam objeto de adoração e demandam uma pluralidade de cuidados. A visibilidade e a adoração dos corpos constituindo-se o “aparecer para ser” dependem de diversas técnicas, cada vez mais sofisticadas, que são colocadas a disposição dos(as) consumidores(as) pelo mercado do embelezamento. Assim, em prol de um corpo perfeito para si e para agradar o outro, muitas pessoas submetem-se a um conjunto de técnicas de modelagem corporal. Porém, nem todos corpos são cultuados, aqueles almejados são jovens e magros, e para se sentirem adorados(as) todas e todos desejam ter corpos assim.

Técnicas corporais como a depilação, inclusive a laser, tratamentos dermatológicos (a exemplo da carboxiterapia), tratamentos capilares (alisamentos), modelagem corporal dentre outros, são fartamente oferecidos pelo mercado e atendem a diferentes faixas sociais.

Os comportamentos são permeados por uma moralidade, na qual o sujeito se vigia e é também vigiado pelo olhar do outro e pela mídia. Na era da imagem, a visibilidade e o reconhecimento de sua imagem/aparência torna-se imprescindível para definir quem se é.

Os rituais necessários para se aproximar do ideal corporal e comportamental inclui os três recursos mais exaltados na cosmologia atual: dinheiro, tempo e dor (SIBILIA, 2010). A beleza, o consumo e o sacrifício parecem ser fundidos e confundidos com o alcance da felicidade e da saúde. Ter um corpo dentro dos padrões de beleza, garantiria sucesso em todos os âmbitos da vida profissional, sexual, amorosa, gerando bem-estar, satisfação.

A ideia de felicidade, ligada diretamente a beleza, e, portanto, a consumo, não necessariamente nesta ordem, é alimentada por uma indústria que além de oferecer a solução, é também ela quem provoca, inflama as insatisfações. O mercado vende problemas e soluções, logo para sentir-se melhor é necessário consumir. Sibilía (2010) aponta uma perfeita aliança entre tecnociência e o mercado. A tecnociência fica responsável pela criação e comprovação de verdades e técnicas, enquanto o mercado vende insatisfação e uma infinidade de potenciais



veículos de satisfações. As técnicas prometem suprir as falhas ou faltas, que são momentâneas, já que logo surge uma mais recente e sofisticada.

A indústria de cosméticos é o setor que mais cresce no Brasil, principalmente a que é destinada ao público feminino. Para alcançar os modelos estéticos hegemônicos, os sacrifícios impostos aos corpos das mulheres são diversos e novas opções surgem a cada momento.

Pode-se dizer que as mulheres vivem reféns da tirania da beleza, até mesmo as magras, submetem-se à dieta ou sentem-se culpadas, esforçando-se para ganhar a aprovação da cultura masculina (SARDENBERG, 2002). A maioria das mulheres ocidentais que têm sucesso profissional e são atraentes estão imersas em constrangimentos em decorrência dos conceitos de beleza, gerando insatisfação constante e ódio com relação a si, seu corpo, medo de perder o controle, de envelhecer e uma obsessão com o físico, a estética.

Apesar de possuir maior campo de ação, mais reconhecimento e dinheiro, grande parte das mulheres contemporâneas podem estar em desvantagem com relação as suas avós, uma vez que estas, possivelmente não tinham uma relação tão exigente com seu corpo e estética (SARDENBERG, 2002).

À medida que as mulheres se libertaram – em parte – da mística feminina da domesticidade, surge o que Naomi Wolf (1992) chama de mito da beleza, apresentando-o como uma arma política de desarticulação das mulheres, e mesmo as feministas são atravessadas por esses discursos:

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar. Ela procura neste instante destruir psicologicamente e às ocultas tudo de positivo que o feminismo proporcionou às mulheres material e publicamente (WOLF, 1992, p.13).

Segundo Wolf (1992), há uma resposta do patriarcado diante de todas as conquistas realizadas pelo feminismo, que aparece hoje em formas rígidas e cruéis modelos de beleza e hábitos acerca do corpo das mulheres. Isso representaria um retrocesso, visto que atravessa todas as mulheres de algum forma, mesmo as feministas, repercutindo em um clima de confusão, divisão e cansaço. Para os sujeitos contemporâneos, o corpo é o maior bem e a saúde-beleza é o ideal. As queixas corporais inscrevem-se nos discursos naturalista e naturista, sendo reforçado pela mídia mediante estratégias publicitárias que seduzem com o propósito de disseminar práticas exóticas e da medicina.



Esses discursos impõem uma hegemonia pautada em outra economia dos signos, e nessa conjuntura, os tratamentos corporais/estéticos tornam-se cada vez mais imprescindíveis. As práticas variam entre massagens no *spa*, exercícios físicos orientais ou ginásticas em academias, além dos suplementos vitamínicos e dos sais minerais com propriedades rejuvenescedoras.

O envelhecimento torna-se um vilão, algo a ser temido, equivale a uma enfermidade que deve ser combatida, e “a morte deve ser exorcizada”, por isso a longevidade e a juventude são tão perseguidas. As academias de ginástica são templos da atualidade, onde são contempladas, a saúde, beleza, longevidade, o corpo.

A idade cronológica tem uma função atribuída pelas sociedades ocidentais contemporâneas, de agregar ou não status. Esse marcador permite a criação de fronteiras etárias e estas se desdobram em limites de condutas desejáveis em períodos da vida como um modo de organização que se torna uma forma de ordenação social, de controle.

O curso da vida é balizado por ciclos, passagens rituais de uma fase para outra, sendo cada uma bem definida e caracterizada por papéis sociais, comportamentos adequados aos indivíduos e suas idades (MORAES, 2011).

Os corpos são atravessados por essas classificações e atribuições de qualidades e status, o corpo velho é o mais desvalorizado, cujo significado é a diminuição do status. Os discursos produzidos pela mídia, e/ou pela medicina, por exemplo, continuam servindo para a *normatização* de corpos, e os agentes sociais têm participação direta nesse processo, ao selecionarem e disseminarem imagens e discursos que tratam de parâmetros de juventude, de envelhecimento corporal, da beleza atribuída ao corpo branco, magro e constroem significados sobre elas. Os agentes sociais são cruzados por esses discursos, mas reagem aos significados sociais e avaliam suas condutas individuais tendo como pano de fundo certas possibilidades estruturais.

Para Sardenberg (2002), nas sociedades ocidentais modernas, a velhice e até a “meia idade” são tratadas de maneira impiedosa, e se agravam quando se refere ao sexo feminino. Segundo Moraes (2011), no século XXI há um aumento significativo de oferta de formas de manipulação do corpo com a finalidade de rejuvenescê-lo, baseado no controle sobre o corpo, por meio de novas tecnologias, a exemplo das cirurgias plásticas, medicamentos, cosméticos, exercícios físicos e dietas alimentares, ou ainda, a partir da adoção de estilos de vida demarcados como próprios de um grupo etário mais novo.





Esse é o momento histórico no qual as mulheres dedicam mais tempo com tratamento e disciplina dos corpos. Se apresenta como o tempo de uma cultura “narcisista” e pautada na imagem/aparência que vem, cada vez mais, tornando-se central e associada a valores e à ideia de saúde. Isso ocorre, dentre outras questões, devido ao apelo mercadológicos quando são apresentadas novas tecnologias, produtos e serviços que prometem rejuvenescer, emagrecer, mudar os cabelos – principalmente alisá-los – retirar marcas de expressão, rugas, estrias ou celulites (BORDO, 1997).

### **A estética racializada ou o racismo estético**

Outro importante elemento na constituição estética da beleza corporal é a raça/cor. Embora o feminismo negro esteja voltado para dar visibilidade às desigualdades das mulheres negras, muito ainda precisa ser escrito sobre a estética racializada ou ao racismo estético. A beleza negra, e a consequente valorização das características fenotípicas como a cor da pele, a textura do cabelo, a conformação de lábios, boca e nariz, não estão incluídos nos padrões de beleza vigentes.

Neste sentido Carneiro reafirma que:

(...) há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima (CARNEIRO, 2003, p. 122).

Caldwell (2007) afirma que alguns aspectos físicos das mulheres negras, são apontados como “repulsivos” já que a beleza e a feminilidade são brancas.

Bell hooks (2004), uma das teóricas do Feminismo Negro, aponta que a soma de categorias de opressão gera o aumento crescente da experiência de opressão. As mulheres negras são, no mínimo, duplamente oprimidas. Esta autora demarca a diferença de experiências vividas e de como as experiências das mulheres negras possuem especificidades e maior carga de opressão.

Essa exclusão, que restringe as mulheres negras a papéis de subalternidade, quando estão presentes, geram fortalecimento de estigmas e repercussões em todas as áreas da vida, incluindo trabalho, vida afetiva, relação com o corpo e sexualidade.





Isto constitui uma violência simbólica, apresentada em imagens, que através do ideal de beleza estética, ligado ao enbranquecimento, gera saldos negativos para as mulheres negras e de outras raças e etnias pois estes corpos são invisibilizados, em decorrência de uma cultura de dominação. Hooks (2004) sugere ainda que o corpo pode ser uma arma contra a sua manipulação, e que sendo o corpo do negro desprezado, é muito importante a busca da ressignificação da sua posição frente aos poderes hegemônicos que lutam por manter a opressão dos corpos que não falam (ou não falavam) por si só.

Além disso, o comportamento e espaços ocupados por mulheres negras nessas mídias são, em grande parte, representações negativas, estigmatizantes e limitadoras. Anzaldúa (2004) destaca que a cultura é construída por aqueles que detêm o poder – os homens – e estes fazem as regras, as leis, e as mulheres submetem-se e as transmitem. Aponta que a cultura molda as crenças das pessoas e que o olhar destas se dá a por intermédio da cultura, e isso lhes apresenta uma versão da realidade.

### **Considerações finais**

Será que é um exercício de escolha, empoderamento das mulheres submeterem-se a procedimentos cirúrgicos, alisamentos de cabelo, pinturas, dietas ou exercícios físicos com a finalidade de “tornarem-se belas”? O quanto os padrões hegemônicos anti-estética negra influenciam nisto? Não seria um retrocesso, uma tentativa de adequação aos modelos patriarcais hegemônicos que estão definindo o ideal da beleza estética feminina?

É importante fortalecer a reivindicação do direito e de autonomia das mulheres sobre seus corpos e mudanças nos valores que continuam oprimindo-as, destacando a tentativa de supremacia da estética branca e colonizadora. Diante desses questionamentos constata-se a importância de alimentar discussões neste sentido, e o quanto necessário que mais estudos feministas sejam desenvolvidos a fim de problematizar relações entre gênero e políticas do corpo em diferentes espaços, com diversos enfoques, já que essas relações são historicamente marcadas, culturalmente contextualizadas e, por isso, suas especificidades devem ser consideradas.

Faz-se necessário lutar por espaços, pelo saber e poder, contra colonialismos, racismos, classismos e desigualdades de gênero. Assim, é imprescindível que mulheres negras e de todos os outros grupos não contemplados produzam, pesquisem e apresentem as diferenças, assim



haverá uma diversidade maior de olhares e a inclusão da diferença. Mais discussões precisam ser travadas em torno dessas temáticas – cultura, colonialismo, raça, etnia, sexualidade -, principalmente em espaços, instituições de educação, como Escolas, Universidades e políticas públicas que promovam maior acesso a educação se fazem necessárias para fortalecer essa luta pela disseminação da Epistemologia do Sul e de um pensamento pós-colonial. Faz-se importante que estudos aprofundem experiências de mulheres acerca de relações com seus corpos.

## REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, L. E. R. Imagem e fotografia: aprendendo a olhar. In LEAL, Ondina Fachel (org.), **Corpo e Significado: Ensaios de Antropologia Social**. Porto Alegre, UFRGS, 1995.
- ANZALDÚA, Gloria. **Los movimientos de rebeldía y las culturas que traicionam**. In: *Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras (obra colectiva)*. Traficantes de Sueños: Madrid, 2004, p. 71-80.
- ARAÚJO, N; SALIM, N; GUALDA, D; SILVA, L. **Corpo e sexualidade na gravidez**. Rev Esc Enferm USP 2011. p. 552-558.
- BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006, 418 p.
- BORDO, S. **O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault**. In: JAGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro, Record Rosa dos Tempos, 1997.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993. p. 89-101.
- CARNEIRO, Suely. **Mulheres em movimento (“Enegrecer o feminismo”)**. *Estudos Avançados*, v.17, n. 49, 2003, p. 117-132.
- CALDWELL, Kia Lilly. “Look at her hair”. The body politics of black womanhood. In: **Negras in Brazil**. Re-envisioning black women, citizenship, and the politics of identity. 2007, p. 81-106.
- FARGANIS, S. O feminismo e a reconstrução da ciência social. In: JAGGAR, S.; BORDO, R. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- FEYERABEND, P. Parte 2 - A ciência em uma sociedade livre. In: FEYERABEND. **A ciência em uma sociedade livre**. São Paulo, Unesp, 2011.
- FOUCAULT, M. **Discipline and punish**. The birth of the prison. New York, Vintage Books, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- GADOL, J. **La relación social entre los sexos; implicaciones metodológicas de la historia de las mujeres**. In: ESCADÓN, C. (org). *Gênero e História*. México, Instituto Mora/UAM, p. 123-141, 1992.



HOOCKS, B. **Alisando os nossos cabelos.** Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. In: coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nosso-cabelo.html. Acesso em: 20 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. **Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista.** *Otras inapropiables: Feminismos desde las fronteras* (obra coletiva). Madrid: Traficantes de sueños, 2004, p. 33-50.

LA METTRIE J.O. **L’Homme-Machine.** Paris, Denoël, 1748.

LE BRETON, D. **A Sociologia do Corpo.** 4.Ed. RJ, Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

LUZ, M.D. **As instituições médicas no Brasil.** 2ª ed. Graal, Rio de Janeiro, p. 13-22, 1981.

MACHADO, R. Introdução. In: Foucault. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro. Graal, 1999.

MEYER, Dagmar. Corpo, Saúde e gênero: Fragmentos de histórias sobre corpos e vidas maternas. In: TORNQUIST, Carmem Susana *et al* (Org.) **Leituras de resistência: corpo, violência e poder.** Florianópolis: Mulheres, v. 2, p. 81-103, 2009

MOORE, Henrietta. Compreendendo sexo e gênero. Do original em inglês: "Understanding sex and gender". In: **Tim Ingold, Companion Encyclopedia of Anthropology.** Londres, Routledge, 1997, p. 813-830. Trad. Júlio de Assis Simões.

MORAES, 2011. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, M, AMANTINO, M (orgs.) **História do corpo no Brasil,** São Paulo, Unesp, 2011.

MOTTA, A. **Gênero e Geração: de articulação fundante a “mistura indigesta”.** Coleção Bahianas In: *Imagens na Cultura Contemporânea.* Coleção Bahianas 7, FERREIRA, L, NASCIMENTO, E (orgs.). Salvador, NEIM/UFBA, 2002.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1983.

NASCIMENTO, C; PRÓCHNO, C; SILVA, L. **O corpo da mulher contemporânea em revista.** *Fractal, Rev. Psicologia,* v. 24, n. 2, p. 385-404, maio/ago, 2012.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J. M.; GROSSI, Mi. (orgs.) **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade.** Florianópolis, Mulheres, p.24, 1998.

RODRIGUES, J.C. **Tabu do corpo.** Rio de Janeiro: Achiamé, 1983, p. 43-87.

RUBIN, Gayle. **Pensando Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade.** Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. Conferência - O segundo sexo à luz das teorias feministas contemporâneas. In: (Org.) MOTTA, Alda Britto. SARDENBERG, Cecília. GOMES, Márcia **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas.** Salvador: FFCH/UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2000.

SANTOS, M. Entrevista. **Carta Capital.** São Paulo, n.84, p. 54-57, 1998.

SARDENBERG, C. **A mulher frente à cultura da eterna juventude: Reflexões teóricas e pessoais de uma feminista “cinquentona”.** In: *Imagens na Cultura Contemporânea.* Coleção Bahianas 7, FERREIRA, L, NASCIMENTO, E (org.). Salvador. NEIM/UFBA, 2002.

SCAVONE, Lucila. Corpo e Sexualidade, entre sombras e luzes. In: TORNQUIST, Carmem Susana *et al* (Org.). **Leituras de resistência: corpo, violência e poder.** Florianópolis, Mulheres, v. 1, p. 465-481, 2009.

SCOTT, J. **Prefácio a Gender and Politics of History.** *Cadernos Pagu* (3), p. 11-27, 1994.



SIBILIA, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: Freire Filho, João (org). **Ser Feliz Hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

VICTORA, Ceres Gomes. As imagens do corpo: representações do aparelho reprodutor feminino. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre, UFRS, 1995.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Trad. Waldéa Barcellos. RJ, Rocco, 1992.